

EXPLORANDO PERSPECTIVAS: UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO DO ENSINO DE BIOLOGIA

Livia Lima Gomes ¹
Anna Marta Silva Viana ²
Naiara Rocha Costa ³
Hugo Lima Araújo ⁴

RESUMO

O objetivo da educação sexual é promover uma compreensão positiva e responsável da sexualidade, capacitando os indivíduos a tomarem decisões informadas e conscientes sobre sua saúde sexual e seus relacionamentos. Desse modo, é clara a necessidade de se discutir sexualidade com adolescentes, assim como a necessidade do envolvimento da escola e da família nesse processo. O presente trabalho tem como objetivo analisar e compreender, por meio das narrativas dos professores da rede pública que ministram a disciplina de Biologia, as percepções sobre educação sexual no âmbito do ensino de biologia, bem como conhecimentos, dificuldades, dúvidas e limitações que os docentes apresentam a respeito dessa temática. O estudo será realizado fazendo uso de abordagem qualitativa, por meio do estudo de caso. A pesquisa será realizada com professores que ministram a disciplina de Biologia e atuam em escolas de ensino médio da rede pública da cidade de Imperatriz / Maranhão. Os dados serão coletados por meio de questionários, que possibilitam perceber e explorar as percepções, experiências e desafios relacionados ao tema do estudo. Assim, espera-se que os resultados desse trabalho forneçam uma compreensão aprofundada das perspectivas dos professores sobre a educação sexual, identificação de desafios enfrentados na sua implementação e sugestões para melhorar as práticas educacionais nessa área. Espera-se que este estudo contribua para o aprimoramento do ensino de biologia e da educação sexual nas escolas, promovendo uma abordagem mais aberta, inclusiva e informada sobre questões relacionadas à sexualidade e saúde reprodutiva.

Palavras-chave: Sexualidade, Ensino de Biologia, Desafios Educacionais.

INTRODUÇÃO

Durante a adolescência, o turbilhão de mudanças biopsicossociais é desencadeado pela influência hormonal típica da puberdade, moldando o desenvolvimento humano de

¹ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, livia.gomes@uemasul.edu.br;

² Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, anna.viana@uemasul.edu.br;

³ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, naiara.costa@uemasul.edu.br;

⁴ Mestre em Formação Docente em Práticas Educativas pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, hugo.araujo@uemasul.edu.br;

maneira profunda. Assim, essa fase da vida representa a aceitação de um novo corpo e o aparecimento de novos pensamentos.

A descoberta do prazer sexual ocorre nessa fase, porém a propagação constante na mídia do sexo e do erotismo tem propiciado a precocidade na curiosidade sobre temas sexuais (Moura et al., 2015). Silva (2017) afirma que, em meio às complexidades do mundo moderno, uma das questões mais importantes é a proteção das crianças e adolescentes contra riscos como abuso sexual, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. Isso se deve ao fato de que os jovens não sabem os problemas que uma relação sexual "inconsequente" pode acarretar.

Portanto, é imperativo que os adolescentes conversem sobre sua sexualidade e que a escola e a família participem do processo de educação sexual. A educação sexual é habitualmente definida como um ato destinado a transmitir pensamentos, pontos de vista, valores, comportamentos e hábitos em relação ao sexo (Sinai & Shehade, 2019). Nesse sentido, o objetivo da educação sexual é fornecer às pessoas uma compreensão positiva e responsável da sexualidade, capacitando-as a tomar decisões informadas e conscientes sobre sua saúde sexual e relacionamentos.

No entanto, a abordagem da educação sexual nas escolas é muitas vezes um tema delicado e complexo, que gera várias perspectivas e problemas, conforme Morais et al. (2021). Os professores de biologia podem ser essenciais neste contexto porque têm a oportunidade de discutir aulas sobre uma variedade de conteúdos relacionados à sexualidade humana, como reprodução, fisiologia e até mesmo genética.

É fundamental entender como os professores pensam sobre a educação sexual quando ensinam biologia, pois isso pode afetar diretamente como os alunos abordam esses assuntos em sala de aula. Além disso, ter essa compreensão ajuda a identificar possíveis lacunas na formação dos professores, bem como seus problemas e limitações para lidar com questões relacionadas à sexualidade dos alunos de forma ética e eficaz.

Assim, o objetivo da presente pesquisa é analisar e compreender, por meio das narrativas dos professores da rede pública que ministram a disciplina de Biologia, as percepções sobre educação sexual no âmbito do ensino de biologia, bem como conhecimentos, dificuldades, dúvidas e limitações que os docentes apresentam a respeito dessa temática, visando entender como essas percepções impactam na eficácia do ensino.

METODOLOGIA

A pesquisa atual foi conduzida por meio de um estudo de caso, que empregou abordagens qualitativas. A pesquisa qualitativa, como afirmado por Bogdan e Biklen (1994), envolve a obtenção de dados descritivos por meio do contato direto do pesquisador com a situação estudada. Esse tipo de pesquisa se concentra em retratar as perspectivas dos participantes e enfatiza mais o processo do que o produto.

A pesquisa foi realizada com cinco professores que ministram a disciplina de Biologia e atuam em quatro escolas de ensino médio da rede pública da cidade de Imperatriz, Maranhão. Os dados foram coletados por meio de questionários com perguntas abertas e fechadas, que possibilitam perceber explorar as percepções, experiências e desafios relacionados à inclusão sobre educação sexual.

A transcrição e análise dos dados coletados por meio das entrevistas foi executada utilizando técnicas da análise de conteúdo, identificando padrões, temas emergentes e variações nas percepções dos professores. A análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados (Moraes, 1999).

A respeito dos aspectos éticos, foi fornecido aos professores que aceitaram participar da pesquisa um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual esta explícito o nosso comprometimento com a questão ética da pesquisa. Para preservar o anonimato e confidencialidade da identidade dos entrevistados seus nomes não foram divulgados.

REFERENCIAL TEÓRICO

A adolescência, de acordo com Franco et al. (2020), é o período único da vida do ser humano que inclui a transição entre a infância e a idade adulta. Ao longo desse período, os jovens passam por mudanças significativas em suas vidas físicas, emocionais, cognitivas e sociais. Essas mudanças afetam como eles entendem e expressam sua sexualidade.

A sexualidade inclui não apenas o conceito de prazer, toque e sexo, mas também afetividade, carinho e amor, de acordo com Figueiró (2009). Souza et al. (2019) apontam que, embora as questões relacionadas a sexualidade tenham sido reprimidas, o surgimento do termo sexualidade indica o momento em que o sexo passa a ter um significado mais amplo: "sobretudo quando os/as estudiosos/as passam a diferenciar a necessidade (física, biológica), prazer (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização)."

Diante de tantas mudanças associadas ao desenvolvimento da sexualidade na adolescência, uma variedade de situações e experiências podem surgir, tanto positivas quanto desafiadoras. De acordo com o IBGE (2021), a PeNSE (2019) indicou que 35,4% dos estudantes de 13 a 17 anos já tiveram relação sexual alguma vez na vida. A análise por sexo mostrou que 39,9% dos meninos dessa faixa etária já tiveram relação sexual ao menos uma vez, enquanto entre as meninas esse percentual foi de 31,0%.

É essencial fornecer informações oportunas e precisas sobre sexualidade, consentimento, contracepção e prevenção de ISTs a um número significativo de adolescentes que estão começando a se relacionar sexualmente. Assim, a educação sexual é crucial tanto nas famílias quanto nas escolas.

A educação sexual, por sua vez, consiste no direito de toda pessoa de receber as informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual, assim como, de expressar sentimentos, rever tabus, refletir e debater valores sobre tudo que está ligado ao sexo. Portanto, o papel da educação sexual formal na escola ultrapassa o ensino de conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade (Figueiró, 2006, 2009 apud Nogueira, 2016).

Porém, em muitas culturas e comunidades, sejam elas urbanas, indígenas ou rurais, a sexualidade ainda é considerada um assunto tabu, cercado por estigmas e preconceitos profundos. Esse tabu cria barreiras para a comunicação aberta e honesta sobre temas relacionados à sexualidade, como orientação sexual, identidade de gênero, contracepção e prevenção. Gonçalves et al. (2013) destacam que “em nossa sociedade, a sexualidade não tem sido explorada e/ou dialogada de modo que as pessoas sejam educadas a conhecê-la e aprender que o seu exercício não é feio e pecaminoso, culminando, nesse sentido, em uma deseducação sexual”.

A educação sexual deveria iniciar com a família e ter continuidade na escola e nos serviços de saúde (Moreira, 2015). Gonçalves et al. (2013) afirmam que tanto a família quanto a escola devem colaborar para fornecer aos jovens educação sexual que fomenta uma sexualidade emancipatória.

A família pode transmitir valores de respeito, amor e aceitação para criar um ambiente seguro e acolhedor para discussões sobre sexualidade. No entanto, conforme observado por Brêtas & Silva (2009), os pais frequentemente se sentem desconfortáveis ao discutir as questões de sexualidade com seus filhos. Isso se deve ao fato de que eles não têm muita clareza sobre suas próprias experiências.

Diante dessas preocupações e barreiras que os pais enfrentam ao discutir sexualidade com seus filhos, muitas vezes a responsabilidade de educar sexualmente é colocada nas mãos da escola. Desse modo, conforme Silva (2017), se torna necessário que a escola tenha educadores que discutam temas relacionados à sexualidade. E mais ainda, é importante que o professor possa discutir Educação Sexual relacionando-a com os conteúdos didáticos. Eles têm o poder de iniciar processos de mudança e de aprimoramento na abordagem da educação sexual, buscando alternativas para os desafios decorrentes das transformações sociais contemporâneas.

Por outro lado, Rufino et al. (2013) afirmam que os professores frequentemente não recebem o treinamento necessário para lidar com questões de sexualidade. Assim, para muitos educadores, abordar conteúdos relacionados a essa temática e suas particularidades no ambiente escolar é visto como um assunto delicado e desafiador. Pode ainda encontrar problemas institucionais e relacionais, como a falta de apoio e orientação da escola e possíveis resistências das famílias dos alunos, que podem dificultar a implementação de programas de educação sexual abrangentes e eficazes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando perguntado sobre a importância da inclusão da educação sexual no currículo escolar, todos professores responderam afirmativamente pois acreditam que é essencial ensinar aos jovens sobre a sexualidade e saúde reprodutiva. Essa opinião é respaldada pelos seguintes relatos:

“Sim. Através da Educação Sexual o estudante poderá obter respeito para com as diversas formas de viver a sexualidade, além da prevenção de doenças e gravidez na adolescência.” Professor, 48 anos

“Sim, pois proporciona informações precisas sobre o corpo, a sexualidade, a saúde reprodutiva e as relações interpessoais. Ajudando assim os alunos a entenderem melhor suas próprias mudanças físicas e emocionais. Ensinar métodos de prevenção de IST's e gravidez não planejada. Abordar temas como consentimento, respeito, comunicação e empatia.” Professor, 45 anos.

É evidente que os professores estão cientes da importância de abordar esse assunto no ambiente escolar, conforme demonstrado por suas declarações. Tais relatos são consonantes com dados de outras pesquisas já realizadas. Morais et al. (2021) buscaram descobrir as percepções dos professores do ensino médio sobre sexualidade e educação sexual em escolas públicas no município de João Pinheiro, Minas Gerais. Os pesquisadores descobriram que, apesar de enfrentar desafios ou resistência a abordar essas questões, os professores reconhecem a importância do trabalho e reconhecem suas limitações em

relação a essa demanda. Vieira et al. (2017) argumentam que as escolas devem oferecer uma educação abrangente que inclua questões sociais e culturais, além do conteúdo das disciplinas, e que atenda às necessidades dos adolescentes matriculados.

Ao serem perguntados sobre quem é responsável pela educação para a sexualidade dos jovens, dois professores responderam que a responsabilidade é exclusiva da família; três professores disseram que outras pessoas, além da família, incluem a escola, profissionais de saúde e a sociedade em geral, são responsáveis. Conforme os resultados observados, é possível indicar que os professores acreditam que a família tem papel fundamental na formação os jovens, mas que essa se complementa com a escola. Rosa (2016), destaca que:

Reconhecemos a responsabilidade da família na educação sexual de crianças e adolescentes e entendemos que é a instituição familiar que irá proporcionar as primeiras noções de sexualidade, seja de forma direta, por meio do diálogo, ou indiretamente, por meio de comportamentos. Porém, quando colocamos a escola como apenas complementar, na educação sexual de crianças e adolescentes, deixamos de lado o fato de que nem sempre as famílias conseguem desempenhar seu papel na educação sexual dos filhos.

Em sua pesquisa, Morais et al. (2021) descobriram que os professores acreditam que a escola é essencial para a formação dos jovens porque é um local que prioriza a busca pelo conhecimento e a formação integral dos sujeitos. No entanto, se a escola não cumpre seu dever de trazer discussões sobre adolescência e sexualidade para as salas de aula, isso reforça a noção de que esses assuntos não fazem parte do conhecimento humano. Por outro lado, mostra que a maioria dos educadores entende que essa não deve ser uma responsabilidade exclusiva da escola, pois a ajuda da família é essencial para que a educação sexual seja bem-sucedida.

A maioria dos professores definiu educação sexual como ensino sobre o corpo, relações sexuais e saúde reprodutiva, sem ignorar as questões sociais e psicológicas relacionadas à sexualidade humana.

“A Educação Sexual é a orientação sobre os diversos aspectos do sexo, quanto ao corpo, quanto a vida social, quanto a saúde e ao planejamento familiar. Sendo o sexo inerente aos seres humanos, é importante, desde cedo, que os jovens também sejam educados desta área do conhecimento.” Professor, 48 anos.

“É um processo de ensino que engloba uma série de conhecimentos sobre o corpo e suas transformações, objetivando um melhor aprofundamento do seu eu a educação sexual. É importante para a formação integral dos alunos, proporcionando uma alta afirmação e para evitar abusos sexuais.” Professor, 63 anos.

A Educação Sexual deve se pautar em três pilares: biológico, psicológico e social, ficando claro que essa é uma temática interdisciplinar complexa, que deve ter como objetivo a relação de diálogo, a reflexão e o desenvolvimento de uma visão crítica por parte dos adolescentes (Villça, 2016). Como afirma Rosa (2016), é importante entender que cada pessoa tem diferentes contextos de vida e que o processo histórico-cultural influencia como cada pessoa vive sua sexualidade. Portanto, afirmar que a educação sexual é importante apenas para evitar doenças ou gravidez é como afirmar que a sexualidade é apenas sobre sexo.

Quando questionados sobre sua experiência e nível de capacitação, três professores afirmaram que ter alguma experiência e se sentiam razoavelmente preparados, mas gostariam de mais treinamento. Os outros dois professores apontaram ter pouca experiência e se sentiam incapacitados e precisavam de mais treinamento e ajuda. Isso mostra que todos os docentes, independentemente do nível de experiência, reconhecem a necessidade de mais treinamento, indicando que a capacitação atual é percebida como insuficiente para lidar com o tema de forma completa e segura.

Gonçalves et al. (2013) indicam que é necessário reconhecer que primeiramente, tratar da sexualidade na escola requer uma reeducação dos profissionais da educação que estão em contato direto com os adolescentes. Bonfim (2010) destaca:

A formação do professor de Ciências Biológicas, assim como, os demais cursos de formação de professores, deveriam preparar o docente para estas questões, abrir debates e criar canais de significação para que sejam capazes de abordar a sexualidade de maneira plena, em todas as suas dimensões eróticas, subjetivas, procriativas e suas significações e consequências com responsabilidade e autonomia e não apresentar uma identidade negativa e descritiva sobre o sexo e a sexualidade.

Gravidez na adolescência, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores foram os tópicos mais frequentemente apontados para serem abordados no ensino de educação sexual. Além disso, questões como saúde reprodutiva, planejamento familiar, relacionamentos saudáveis e identidade de gênero foram citadas. Há pouca frequência para temas como sexualidade, aborto, consentimento

e respeito e psicologia relacionada ao sexo. A ênfase em tópicos como gravidez na adolescência, ISTs, e anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores mostra que o ensino de educação sexual tende a focar mais em aspectos biológicos e preventivos da sexualidade, privilegiando temas de saúde pública e reprodução.

Gonçalves et al. (2013) afirmam que as escolas devem reconhecer que a educação sexual emancipatória não se limita ao ensino de anatomia e biologia. Acredita-se que a abordagem da sexualidade em sala de aula extrapola a perspectiva biológica e a descrição do corpo fragmentada e fria: “Discutir essa temática significa possibilitar a discussões de emoções e valores ligadas a ela”.

Ao serem indagados a respeito de tabus e obstáculos que enfrentam ao implementar o ensino da Educação Sexual e como estes influenciam na eficácia do ensino, as respostas se concentram na falta de recursos e informações, falta de capacitação e resistência da família. Isso indica que os professores não têm acesso a materiais pedagógicos adequados, como livros, guias e recursos audiovisuais. Como resultado, eles não podem abordar o tema de forma abrangente e completa. Isso gera insegurança ao abordar essas temáticas, pois o tema está em constante transformação e se trata de um conteúdo que deve ser discutido minuciosamente. Sendo assim, é um tema difícil de ser abordado mesmo para quem se interessa pelo assunto (Morais et al., 2021).

Relacionado a falta de formação, Bonfim (2010) destaca que a complexidade do desenvolvimento real do assunto da educação sexual parece indicar uma deficiência na formação dos professores nas universidades em seus respectivos espaços de formação ou licenciaturas. Não é necessário que os educadores sejam especialistas na área da educação sexual, porém é importante que conheçam seu conceito ancorado no embasamento científico para que possam reconhecer sua importância no ambiente escolar (Barbosa e Folmer, 2019).

Gonçalves et al. (2013) demonstram que, em relação à resistência da família, os pais se recusam a assumir a responsabilidade de ensinar sexualmente seus filhos porque acreditam que eles são muito jovens para discutir o assunto. Apontam que alguns adultos consideram a sexualidade um assunto proibido para crianças e adolescentes menores, por isso evitam conversar sobre o assunto com eles. Essa resistência parental afeta os professores que precisam mediar entre o conteúdo necessário para a formação dos alunos e as possíveis objeções ou tensões que podem surgir com as famílias. Isso pode fazer com que os docentes se sintam inseguros, especialmente porque eles já enfrentam problemas relacionados à sua própria formação e capacitação para tratar da sexualidade.

A última pergunta foi deixada aberta para que os professores deixassem comentários sobre qualquer coisa que considerassem relevantes ou importante para a discussão do assunto. Os seguintes professores deixaram comentários:

“Considero que a Educação Sexual é tão importante que deveria ser ensinada mesmo antes da puberdade, mas de acordo com a maturidade psicológica do pré-adolescente.” Professor, 48 anos.

“A sexualidade e as questões relacionadas estão em constante evolução, o que exige atualizações regulares no currículo para refletir as mudanças de as novas informações.” Professor, 45 anos.

Nesse sentido, Bonfim (2010) considera que: “são necessários estudos mais especializados que visem acompanhar o trabalho do professor, bem como repensar estratégias de capacitação profissional, no sentido de prepará-lo tecnicamente e politicamente para a sua função”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam um consenso entre os docentes a respeito da importância da educação sexual no currículo escolar. Todos os professores reconhecem que a educação sexual é essencial para a formação integral dos alunos, contribuindo para o entendimento da sexualidade, saúde reprodutiva e relações interpessoais. Os relatos evidenciam que a educação sexual é considerada um meio de promover o respeito às diversidades, prevenir ISTs, gravidezes não planejadas, e proporcionar um entendimento mais profundo das transformações físicas e emocionais dos alunos.

Apesar da concordância geral a respeito da importância do tema, os professores enfrentam desafios significativos relacionados à implementação da educação sexual. A resistência de alguns pais, que consideram o assunto inadequado para crianças e adolescentes, e a falta de recursos pedagógicos adequados são obstáculos que afetam a eficácia do ensino. A percepção de que a capacitação dos professores é insuficiente para abordar o tema de forma completa e segura também é uma preocupação. Há uma demanda clara por maior treinamento e apoio para que os docentes possam lidar com a complexidade da sexualidade de maneira adequada e sensível.

Portanto, para que a educação sexual nas escolas seja bem-sucedida, os professores precisam ter uma preparação adequada, apoio da família e um currículo

atualizado que vá além dos aspectos puramente biológicos para promover uma compreensão mais ampla e inclusiva da sexualidade. Espera-se que este estudo contribua para o aprimoramento do ensino de biologia e da educação sexual nas escolas, promovendo uma abordagem mais aberta, inclusiva e informada sobre questões relacionadas à sexualidade e saúde reprodutiva.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. U.; FOLMER, V. Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, vol. 9, n. 19, 2019.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: **Porto Editora**, 1994.

BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. Educação sexual: contradições, limites e possibilidades. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 2, n. 2, p. 406–423, 2010.

BRÊTAS, J. R. S. & Silva, C. V. (2009). Orientação sexual para adolescentes. In A. L. V. Borges & E. Fujimori (Orgs.), **Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica** (pp. 210-248). Barueri, SP: Manole.

FIGUEIRÓ, Mary (Org). Sexualidade e Afetividade: implicações no processo de formação do educando. In: Educação Sexual: em busca de mudanças. Londrina. UEL, 2009.

FRANCO MS, BARRETO MTS, CARVALHO JWDE, SILVA PPDA, MOREIRA WC, CAVALCANTE MC, et al. Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. **Rev enferm UFPE online**. 2020.

FROTA CARNEIRO, R.; CHRIS DA SILVA, N.; ALMEIDA ALVES, T.; DDE OLIVEIRA ALBUQUERQUE, D.; COLAÇO DE BRITO, D.; LIMA DE OLIVEIRA, L. EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: UMA ABORDAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR. SANARE - **Revista de Políticas Públicas**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2015

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G.. Educação Sexual no Contexto Familiar e Escolar: impasses e desafios. **Holos**, Rio Grande do Norte, v.5, n.29, p. 251-263, out. 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2019. Rio de Janeiro: **IBGE**; 2021.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: **EPU**, 1986.

MOURA, C. B. de; MANTOVANI, G. D.; SILVA, R. M. M.; TRES, B. Comparação de dúvidas sobre sexualidade entre crianças e adolescentes. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 29, n. 92, p. 72–90, 2015.

MOREIRA, B. L. R.; FOLMER, V. Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola. **Experiências em Ensino de Ciências** v.10, n. 3, 2015.

NOGUEIRA, Natália Souza; ZOCCA, Adriana Rodrigues; MUZZETI, Luci Regina; RIBEIRO, Paulo Rennes. EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR: AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS EM SALA DE AULA PELOS EDUCADORES. **Holos**, [S. l.], v. 3, p. 319–327, 2016.

MORAIS, N. A. A. de; GUIMARÃES, Z. F. . S. .; MENEZES, J. P. C. de. Educação sexual: as percepções dos professores de biologia do ensino médio. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 135–156, 2021

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

BRASIL. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: **MEC / SEF**, 138 p.

ROSA, L. M. G. Educação sexual na concepção de professores do ensino fundamental. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Naturais, **Faculdade Unb Planaltina Licenciatura em Ciências Naturais**, Planaltina, 2016.

RUFINO, C. B.; PIRES, L. M.; OLIVEIRA, P. C.; SOUZA, S. M. B.; SOUZA, M. M. de. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 15, n. 4, p. 983–91, 2013.

SILVA, Alan De Angeles Guedes Da. A importância da educação sexual no ensino de biologia. Anais IV CONEDU... Campina Grande: **Realize Editora**, 2017.

SINAI, Mirit; SHEHADE, Farida Masrawa. Let's (not) talk about sex: challenges in integrating sex education in traditional Arabic Society in Israel. **International Journal for the Advancement of Counselling**, v. 41, n. 3, p. 361-375, 2019.

SOUZA, Elaine de Jesus; SANTOS, Claudiane, SILVA, Joilson Pereira. Educação Sexual na Escola: concepções e modalidades didáticas de docentes sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual. **Interfaces Científicas**, v.3, n.3, p.51-62, 2015. |